ODEERE
ISSN 2525-4715
Vol 10, Nº 1, 2025, 218-238
DOI: 10.22481/odeere.v10i1.16930
Artigos Livres | Free Articles | Artículos Libres

Escrevivência e discurso em Olhos d'água de Conceição Evaristo: uma análise da representação dos corpos femininos negros

Jeferson Luis Lima da Silva[1]* Tânia Maria Gomes da Silva[2]
[1]Universidade Cesumar - Brasil
[2] Universidade Cesumar - Brasil
*Autor de correspondência: prof.jefersonlima@gmail.com

RESUMO

Este estudo analisa a representação dos corpos femininos negros em *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo, a partir do conceito de escrevivência. Com abordagem interdisciplinar envolvendo estudos literários, feministas e pós-coloniais, examina-se como a autora constrói experiências, desafios e formas de resistência de mulheres negras em contextos de opressão interseccional. A partir de uma análise qualitativa dos contos "Olhos D'Água", "Maria", "Duzu-Querença" e "Luamanda", discutem-se as intersecções entre raça, gênero e classe, destacando processos de subalternização, violências e estratégias de resistência e empoderamento. Conclui-se que a escrita de Evaristo, ao deslocar perspectivas eurocentradas, legitima vozes silenciadas e contribui para a construção de narrativas contra-hegemônicas na literatura brasileira contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE:
Corpos femininos vulnerabilizados
Escrevivência e discurso
Identidade negra

ABSTRACT

This study analyzes the representation of Black women's bodies in *Olhos D'Água* by Conceição Evaristo, based on the concept of *escrevivência*. Using an interdisciplinary approach that includes literary, feminist, and postcolonial studies, it examines how the author constructs the experiences, challenges, and forms of resistance of Black women in contexts of intersectional oppression. Through a qualitative analysis of the short stories "Olhos D'Água," "Maria," "Duzu-Querença," and "Luamanda," the study discusses the intersections of race, gender, and class, highlighting processes of subalternization, violence, and strategies of resistance and empowerment. It concludes that Evaristo's writing, by displacing Eurocentric perspectives, legitimizes silenced voices and contributes to the construction of counter-hegemonic narratives in contemporary Brazilian literature.

KEYWORDS:
Escrevivência and discourse
Vulnerabilized female bodies
Black identity

RESUMEN

Este estudio analiza la representación de los cuerpos femeninos negros en *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo, a partir del concepto de *escrevivência*. Con un enfoque interdisciplinario que integra estudios literarios, feministas y poscoloniales, se examina cómo la autora construye las experiencias, los desafíos y las formas de resistencia de las mujeres negras en contextos de opresión interseccional. A través de un análisis cualitativo de los cuentos "Olhos D'Água", "Maria", "Duzu-Querença" y "Luamanda", se abordan las intersecciones entre raza, género y clase, destacando procesos de subalternización, violencias y estrategias de resistencia y empoderamiento. Se concluye que la escritura de Evaristo, al desplazar perspectivas eurocéntricas, legitima voces silenciadas y contribuye a la construcción de narrativas contrahegemónicas en la literatura brasileña contemporánea.

PALABRAS-CLAVE:
Cuerpos femeninos vulnerabilizados
Escrevivência y discurso
Identidad negra

SUBMETIDO: 14 de junho de 2025 | **ACEITO:** 04 de julho de 2025 | **PUBLICADO:** 03 de setembro de 2025
© ODEERE 2025. Este artigo é distribuído sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Notas introdutórias

A representação do corpo negro feminino na literatura brasileira contemporânea desempenha um papel central na promoção da visibilidade e na valorização das experiências e vivências das comunidades afrodescendentes. Nesse contexto, a obra *Olhos d'Água*, da escritora Conceição Evaristo, configura-se como um potente instrumento de expressão e resistência, explorando as dimensões da *escrevivência* e do discurso literário enquanto práticas de enunciação política e estética.

Olhos d'Água reúne treze contos que retratam as trajetórias de mulheres negras em situação de vulnerabilidade econômica e social. A escrita de Evaristo distingue-se pela sensibilidade e pela capacidade de conferir voz a personagens frequentemente marginalizadas e silenciadas no espaço social. As narrativas abordam de forma crítica temáticas como racismo, machismo, violência doméstica, abuso sexual e pobreza, evidenciando a complexidade das opressões interseccionais que atravessam os corpos femininos negros.

O conceito de *escrevivência*, cunhado por Evaristo (2020), transcende a ideia de mera sobrevivência, referindo-se à possibilidade de resistência e afirmação de subjetividades por meio da escrita, que ressignifica as experiências historicamente marginalizadas e silenciadas. Assim, *Olhos d'Água* ilumina o cotidiano das personagens, dando visibilidade tanto às suas dores quanto às suas formas de resistência e celebração, e reafirmando a importância de suas narrativas na construção de uma identidade negra representativa e plural no âmbito literário.

Este estudo propõe uma análise da representação dos corpos femininos negros em *Olhos d'Água*, com o objetivo de compreender como Conceição Evaristo mobiliza a linguagem literária para desvelar as nuances, os conflitos e as complexidades identitárias inseridas no contexto sociocultural brasileiro contemporâneo. Para tanto, examinam-se as estratégias discursivas adotadas pela autora, bem como as temáticas recorrentes em suas narrativas.

Por meio de uma abordagem crítica e interdisciplinar, investigam-se diferentes dimensões que atravessam a obra, como a questão racial, a ancestralidade, a memória coletiva e as dinâmicas de poder. Ademais, busca-se identificar os mecanismos literários empregados por Evaristo na construção de

personagens negras multifacetadas, capazes de romper com estereótipos cristalizados e de promover uma representação mais autêntica e inclusiva.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, ancorada na análise textual e na interpretação crítica dos contos selecionados, com ênfase na identificação das estratégias discursivas mobilizadas pela autora. A análise de dados é conduzida a partir de uma perspectiva interpretativa, priorizando a identificação das principais temáticas, recursos narrativos e significados que emergem das histórias em relação à representação da identidade negra e dos corpos femininos.

Ao examinar *Olhos d'Água* como expressão da literatura brasileira contemporânea, este estudo pretende contribuir para o aprofundamento do debate acadêmico em torno da representatividade e da diversidade na constituição das identidades literárias. Busca-se, assim, evidenciar a relevância da obra de Conceição Evaristo tanto para o fortalecimento da literatura negra quanto para a promoção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

Olhos d'água

Olhos d'Água é o título do primeiro conto do livro homônimo de Conceição Evaristo. Este conto apresenta uma narrativa que retrata a vida de uma comunidade marginalizada em uma favela no Rio de Janeiro, evidenciando as experiências de mulheres negras que enfrentam múltiplas adversidades no seu cotidiano.

No conto, a autora aborda temas como a pobreza, a violência, o racismo estrutural e a desigualdade social, revelando as implicações dessas questões na vida das personagens. A história é narrada a partir do ponto de vista de uma menina negra que observa e vivencia os acontecimentos ao seu redor.

Michel Foucault (1997) argumenta que o conhecimento não é algo que se descobre, mas sim algo que se constrói historicamente. No conto "Olhos d'água", a autora utiliza a linguagem literária para produzir conhecimento sobre a realidade social e política do Brasil, especialmente sobre a pobreza, a desigualdade social e o racismo. Ela constrói um conhecimento histórico sobre a história e a cultura negra, que é frequentemente ignorada pela literatura e pela mídia. A obra pode ser vista

como uma forma de construir um conhecimento crítico sobre a sociedade brasileira e suas relações de poder.

Em seus primeiros relatos, a menina descreve sua realidade: "Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência" (EVARISTO, 2016, p. 10). Aqui, é notória a descrição do corpo feminino negro retratado com sensibilidade, explorando não apenas as características físicas, mas também as experiências, os sentimentos e as vivências da personagem; uma menina que não viveu sua infância e adolescência em vista do instinto de sobrevivência diante das adversidades que a vida na pobreza impõe.

Ressalta-se que o conto utiliza a linguagem como instrumento de produção de um conhecimento crítico sobre a sociedade brasileira e suas desigualdades, resultantes de relações de poder injustas e arbitrárias que a caracterizam. Um trecho que ilustra essa análise é: "Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento." (EVARISTO, 2016, p. 10).

Pela perspectiva de Fairclough (2013) sobre discurso e ideologia, o relato da personagem pode ser visto como uma forma de desafiar a ideologia dominante que naturaliza a pobreza, a desigualdade social e o racismo. A autora utiliza a linguagem literária para produzir conhecimento crítico sobre a sociedade brasileira e suas relações de poder, e para dar voz aos personagens marginalizados e invisibilizados pela sociedade.

Em outro momento, a personagem relata:

> Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós (EVARISTO, 2016, p. 11).

Percebe-se, nesse relato, a imagem de uma mãe cujo corpo se transforma em barreira protetora diante das adversidades, funcionando como última linha de defesa contra as ameaças externas. A cena evidencia não apenas o afeto e o instinto de proteção materna, mas também denuncia, de forma pungente, a opressão estrutural vivida por mulheres negras em contextos de pobreza extrema. A autora explicita, por meio dessa memória, as múltiplas vulnerabilidades que

recaem sobre as mulheres negras: a precariedade habitacional, a ausência de serviços básicos essenciais, a constante exposição à violência ambiental e a marca persistente da discriminação racial. Trata-se de um testemunho que revela as dificuldades de uma mulher em nome de tantas outras, cujas experiências de marginalização e exclusão social atravessam gerações.

Contudo, o relato assume também um caráter de protesto. Carneiro (2015) destaca a importância de visibilizar as vozes e as trajetórias de luta das mulheres negras, reconhecendo não apenas suas contribuições históricas e sociais, mas sobretudo sua autonomia e protagonismo na construção de suas próprias narrativas. Essa perspectiva dialoga diretamente com a proposta de Evaristo ao expor as experiências da personagem em meio às condições precárias de vida, conferindo centralidade e voz a quem historicamente foi marginalizada e silenciada pelas estruturas de poder e pelas narrativas hegemônicas.

Ao mesmo tempo, os corpos das personagens são mostrados como locais de resistência, afirmação e superação. Eles são espaços de expressão da identidade negra, da sexualidade, da maternidade e da espiritualidade, como é evidenciado no relato a seguir:

> Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (EVARISTO, 2016, p. 12).

Neste relato citado anteriormente, há uma comparação simbólica entre os olhos d'água e as águas de Oxum, estabelecendo uma conexão entre a natureza e a espiritualidade afro-brasileira. Os olhos d'água são fontes de água límpida e cristalina que brotam da terra, representando a pureza, a renovação e a vida. Eles são frequentemente associados à ideia de fertilidade e abundância, simbolizando a força vital que flui na natureza.

Por outro lado, Oxum é uma divindade das religiões afro-brasileiras, principalmente do candomblé. Reis Neto (2020) relata que ela é considerada a orixá da fertilidade, do amor, da beleza e das águas doces, sendo reverenciada

como uma mãe divina. Suas águas são associadas à cura, à purificação e ao equilíbrio emocional.

A referência às águas de Oxum sugere que as personagens, especialmente as mulheres, encontram nas suas raízes culturais e na espiritualidade um refúgio, uma fonte de inspiração e uma ferramenta de enfrentamento das adversidades. As águas de Oxum representam um poder transformador, capaz de trazer cura, proteção e bem-estar emocional. Além disso, a comparação entre os olhos d'água e as águas de Oxum também evoca a beleza e a serenidade presente nas personagens femininas. Elas são retratadas como seres conectados com a natureza e com a espiritualidade, capazes de transbordar amor, compaixão e resiliência.

Em outro trecho, a personagem relata: "Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra." (EVARISTO, 2016, p. 12). Esse relato contribui significativamente para a construção de uma narrativa que celebra a cultura afrodescendente, a espiritualidade, a força e a resistência das mulheres negras, bem como a sororidade que as conecta. O corpo feminino é apresentado como um território sagrado, depositário da memória, da história e da identidade coletiva do povo negro. Nesse entrelaçamento de olhares entre as gerações, evidencia-se o elo que une passado e presente, individual e coletivo, reafirmando a importância da ancestralidade como fio condutor das experiências de pessoas negras. As marcas, cicatrizes e traços físicos das personagens tornam-se signos visíveis dessa herança africana, inscrevendo no próprio corpo as memórias de luta, resistência e pertencimento.

Portanto, em *Olhos d'Água*, a relação do corpo feminino com a ancestralidade revela-se como um elemento central na narrativa do conto, evidenciando a importância de reconhecer e celebrar as raízes culturais e históricas das mulheres negras. É uma forma de resgate e fortalecimento da identidade, oferecendo uma base sólida para enfrentar os desafios e as adversidades presentes em suas vidas.

Maria

O conto *Maria* narra a trajetória de uma mulher negra que enfrenta múltiplas adversidades ao longo da vida. Sua experiência na fase adulta é atravessada por situações de racismo estrutural e profundas desigualdades sociais. No enredo, a maternidade ocupa lugar central: Maria, como mãe solo, enfrenta as pressões sociais, econômicas e emocionais inerentes à responsabilidade de cuidar dos filhos em um contexto de vulnerabilidade. A narrativa ressignifica o corpo materno como um espaço de afeto, proteção e resistência, simbolizando a força que sustenta a sobrevivência diante das inúmeras dificuldades impostas, como se evidencia no seguinte relato:

> No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão? (EVARISTO, 2016, p. 23).

Nota-se que o conto problematiza a maternidade e a relação da protagonista com seu próprio corpo enquanto mãe. Evaristo apresenta essa experiência como densa e ambivalente, permeada por desafios, dores e alegrias. Ainda que atravessada por adversidades socioeconômicas e pela marginalização racial, a personagem encontra na maternidade não apenas uma fonte de sofrimento, mas também de força, afeto e resistência, reafirmando o papel central das mulheres negras na manutenção da vida e da dignidade frente às opressões cotidianas.

O conto demonstra que ao mesmo tempo, o corpo materno de Maria também é marcado por traumas e dores. Ela carrega consigo as marcas da violência e das opressões que enfrenta como mulher negra em uma sociedade racista e desigual. Ao encontrar o pai de seu primeiro filho no ônibus, a personagem relata:

> E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores (EVARISTO, 2016, p. 23).

O corpo de Maria reflete não apenas sua experiência materna, mas também as lutas e os desafios que ela enfrenta como mulher e como indivíduo marginalizado. Carrera e Carvalho (2020) consideram que a sociedade muitas vezes marginaliza as mães solteiras, colocando-as em uma posição de vulnerabilidade e negando-lhes o apoio e o reconhecimento que merecem. Portanto, a solidão de Maria é um lembrete poderoso das desigualdades de gênero e dos desafios enfrentados pelas mães solteiras, bem como uma chamada à empatia, à solidariedade e à transformação das normas sociais para criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todas as formas de maternidade.

Ao se ver em meio a um assalto no ônibus que a estaria levando para casa, "Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão." (EVARISTO, 2016, p. 24). É evidente que a figura do assaltante possui uma relevância secundária que contribui para as dificuldades e os desafios enfrentados por Maria.

O medo de Maria em relação ao filho descobrir a verdade sobre o pai reflete a preocupação dela com a possibilidade de seu filho ser estigmatizado ou marginalizado devido à associação com o crime. Maria compreende a maneira como a sociedade tende a rotular e julgar as pessoas com base em suas origens e associações, especialmente no que diz respeito a questões de segurança pública.

hooks[1] (1989) enfatiza a importância de criar um ambiente seguro e empoderador para as crianças negras, protegendo-as dos estigmas e proporcionando modelos positivos de identidade racial e de gênero. Ela também

1 bell hooks utiliza o nome em minúsculo como uma prática de desafio aos sistemas de poder e hierarquia. Essa escolha reflete sua crítica ao uso convencional de letras maiúsculas para destacar nomes próprios, que muitas vezes reforçam a ênfase no individualismo e na autoridade. Ao escrever seu nome em minúsculas, bell hooks busca nivelar as diferenças e enfatizar a importância do coletivo, da comunidade e do diálogo igualitário.

aborda a necessidade de as mulheres negras se unirem para enfrentar as opressões estruturais e desenvolver formas de resistência coletiva.

No contexto do conto, a preocupação de Maria em proteger seu filho do estigma associado ao pai assaltante pode ser compreendida à luz das ideias de hooks (1989). Maria está ciente das injustiças e discriminações que seu filho pode enfrentar devido à associação com a criminalidade, e ela busca preservar a imagem e a dignidade dele diante desses estigmas sociais.

Porém, o clímax do conto é quando os passageiros do ônibus apontam Maria como participante do assalto, uma vez que conhece o assaltando, pai de se filho.

> Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. [...] A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! (EVARISTO, 2016, p. 24).

A violência e o linchamento ocorrem devido à associação de Maria com o crime cometido pelo pai de seu filho. Essa situação reflete a estigmatização e o preconceito enfrentados por mulheres que são mães solteiras e que têm suas vidas e as de seus filhos associadas a atos criminosos. Portanto, essa cena do conto aborda a violência simbólica e social sofrida por Maria, revelando a maneira como a sociedade tende a responsabilizar e estigmatizar as mulheres, especialmente as mães solteiras, pelos atos de seus parceiros ou ex-parceiros.

Bourdieu (2012) argumenta que as estruturas sociais e simbólicas influenciam a vida das pessoas, moldando suas experiências e oportunidades. No caso de Maria, a violência simbólica e social que ela enfrenta está intimamente ligada às estruturas de poder e às hierarquias presentes na sociedade. A associação negativa e estigmatizada com o assaltante, o linchamento e as violências sofridas por ela refletem as relações de poder e as formas de dominação presentes na sociedade.

Portanto, o corpo feminino é representado como vulnerável, agredido e violentado. Essa representação evidencia tanto a violência física quanto a simbólica a que as mulheres estão sujeitas em uma sociedade marcada por

desigualdades e injustiças estruturais. Nesse contexto, Foucault (1979) argumenta que o poder não se exerce apenas de forma coercitiva, mas também por meio de mecanismos sutis e normalizadores, que moldam os corpos e as subjetividades.

No caso da violência sofrida por Maria, as reflexões de Foucault (1979) permitem compreender como as relações de poder e controle estão implicadas no ato de linchamento. A agressão exercida contra Maria reflete uma tentativa de dominar seu corpo, puni-la e reafirmar as normas e hierarquias sociais vigentes.

Duzu-Querença

A protagonista, Duzu, é uma mulher negra e idosa que viveu uma vida na prostituição. Evaristo descreve o corpo envelhecido de Duzu como um reflexo das experiências de vida, da exploração de seu corpo e da resistência ao longo do tempo. O corpo se torna uma forma de reivindicar espaço e existência, apesar do apagamento social. É importante considerar que o conto ilustra a interseccionalidade das opressões que afetam as mulheres marginalizadas. Crenshaw (2002) define a interseccionalidade como uma interconexão das diferentes formas de discriminação e desigualdade, como gênero, raça, classe social e outras categorias sociais.

Num contexto interseccional, a mendiga Duzu é retratada de forma desrespeitosa e degradante, revelando a desvalorização e a marginalização das mulheres em situação de vulnerabilidade social, como pode ser observado em uma passagem do texto:

> Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho (EVARISTO, 2016, p. 19).

Duzu é "o outro" — ou, neste caso, a outra — que perturba o direito de livre circulação reservado àqueles que não carregam marcas sociais de exclusão: não são feios, não são sujos e, por isso, não incomodam. O olhar de desdém lançado pelo homem evidencia que a cidade não pertence a Duzu; nenhuma cidade é verdadeiramente inclusiva. As praças, os *boulevares* e as avenidas, com suas cores

e sons vibrantes, não foram concebidos para acolher mulheres negras, pobres e estigmatizadas. O gesto de Duzu, ao responder com um olhar de zombaria, configura-se como ato de resistência simbólica diante da opressão cotidiana. Além disso, permanecem evidentes os traços da ordem patriarcal e da violência estrutural que atravessam sua existência, desvelando as dinâmicas de poder desiguais que incidem com particular crueldade sobre as mulheres em condição de marginalização social.

Um exemplo disso é a expressão de asco que um homem demonstra ao olhar para Duzu enquanto ela lambe os dedos gordurosos de comida. Essa reação reflete o julgamento social baseado em estereótipos de gênero, que esperam que as mulheres sejam "limpas" e "comportadas", enquanto os homens têm mais liberdade para expressar suas necessidades e desejos.

Ao relembrar sua trajetória de vida, a personagem se recorda de como foi sua infância. Duzu foi entregue para uma senhora que supostamente ofereceria a ela condições melhores de vida. No entanto, essa situação acaba se revelando como trabalho infantil, uma forma de exploração em que crianças são submetidas a atividades laborais inadequadas para sua idade e desenvolvimento. Em um trecho do conto, é relatado:

> Duzu ficou com na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas. Gostava de ficar olhando para os rostos delas. Elas passavam muitas coisas no rosto e na boca. Ficavam mais bonitas ainda. Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos (EVARISTO, 2016, p. 19-20).

Percebe-se que sua condição de criança é ignorada, sendo ela obrigada a realizar tarefas domésticas pesadas e inadequadas para sua idade. Segundo Silva, Siller e Silva (2021), o trabalho infantil constitui uma forma de subalternização, que priva, sobretudo, crianças negras de sua infância, do acesso à educação e do pleno desenvolvimento. No caso de Duzu, essa exploração é ainda mais agravada pelo fato de ser menina, uma vez que as normas sociais tendem a impor desde cedo às meninas a responsabilidade pelos cuidados domésticos, reproduzindo estereótipos de gênero e perpetuando desigualdades históricas. Duzu não estuda? Duzu não brinca? Duzu é apenas "uma carne negra", partilhando das mesmas

dores de *Negrinha*, personagem de Lobato (1961), que sequer possuía um nome próprio.

Simone de Beauvoir, em sua obra "O Segundo Sexo" (2014), aborda a opressão das mulheres na sociedade e questiona a ideia de que as mulheres são naturalmente subalternas aos homens. Duzu, como uma personagem subalternizada, vivencia essa opressão ao ser entregue para trabalhar como criança, sendo privada de sua infância e tendo seu corpo explorado no trabalho infantil. Portanto, em vista do pensamento de Beauvoir (2014) é notório a importância de desnaturalizar a subalternidade feminina, questionando as estruturas patriarcais que perpetuam essa desigualdade e que se iniciam desde a infância.

A subalternização de Duzu por meio do trabalho infantil reflete as estruturas racistas, patriarcais e desigualdades sociais presentes na sociedade. Ela é privada de seus direitos fundamentais, como o direito à educação, ao lazer e à proteção contra a exploração. Além disso, essa exploração também afeta sua saúde física e emocional, privando-a de uma infância plena e saudável. O conto relata exatamente o momento em que a personagem é exposta ao mundo da prostituição, conforme relatado a seguir:

> E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima das mulheres. Homens acordados em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. Em alguns quartos a menina era repreendida. Em outros, era bem-aceita. Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente... A moça mandou que ele parasse (EVARISTO, 2016, p. 20).

A narrativa revela a presença da violência sexual e o poder exercido pelos homens sobre as mulheres. A descrição de momentos em que homens fazem carinhos em seu rosto, se aproximam dela de forma inapropriada e realizam atos que geram prazer e dinheiro, sugere a exploração sexual e o abuso de poder sobre seu corpo.

O que antes havia sido um carinho no rosto, se tornou algo bem mais grave, como é relatado no trecho: "Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois"

(EVARISTO, 2016, p. 21). Essa situação de abuso sexual vivenciada por Duzu é profundamente problemática e demonstra a vulnerabilidade das mulheres em contextos de desigualdade e exploração. Ela é colocada em uma posição subalterna, em que sua dignidade e integridade são violadas.

Pierre Bourdieu (1987) traz a perspectiva sociológica para compreender as desigualdades sociais e as formas de dominação simbólica presentes na sociedade. A situação do abuso sexual vivido por Duzu reflete as relações de poder que a colocam em uma posição subordinada, uma vez que a personagem não sabia do que se tratava os atos praticados contra ela e, em sua percepção, estava sendo benéfico devido à remuneração financeira que estaria recebendo. Essa aceitação é evidenciada no trecho: "Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama. Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas" (EVARISTO, 2016, p. 21).

Ao analisar a experiência vivida pela personagem sob a perspectiva dos estudos de Bourdieu, compreende-se como as estruturas sociais e as relações de poder operam na produção e reprodução da subalternização do corpo feminino, especialmente no âmbito do trabalho e da exploração infantil. O *habitus* socialmente construído, associado aos capitais econômico, cultural e simbólico desigualmente distribuídos, condiciona desde cedo a trajetória de meninas como Duzu, naturalizando sua inserção precoce em funções subalternas e perpetuando as desigualdades de classe, gênero e raça.

Ressalta-se que à luz das reflexões sobre gênero e performatividade, o gênero não é uma essência fixa, mas uma construção social e cultural (BUTLER, 2007). Duzu, ao ser inserida em um contexto em que seu corpo é explorado e subalternizado, está sendo moldada pela performatividade de gênero imposto pela sociedade. Neste sentido, Butler (2007) nos convida a questionar e desestabilizar essas normas de gênero que perpetuam a subalternização do corpo feminino.

Assim foi a vida de Duzu, "Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habituou-se à morte como uma forma de vida" (EVARISTO, 2016, p. 22). Sob a ótica de Butler (2007), a submissão de Duzu à violência e a sua adaptação à brutalidade podem ser

compreendidas como uma forma de performar a identidade feminina estabelecida pelo sistema patriarcal, na qual a violência e a morte são normalizadas. Além disso, à luz de Bourdieu (1987), a história de Duzu, sua vivência da violência e sua acomodação às relações de poder presentes na prostituição e na exploração sexual evidenciam a dinâmica dos campos de poder e a submissão das mulheres diante dessas estruturas.

Ao abordar essa temática em sua obra, Conceição Evaristo denuncia as injustiças sociais e as formas de opressão que afetam as mulheres desde tenra idade. Ela evidencia a necessidade de políticas e ações voltadas para a erradicação do trabalho infantil e para a proteção dos direitos das crianças, especialmente das meninas, que enfrentam uma dupla marginalização baseada em gênero e idade.

A história de Duzu ressalta a importância de uma reflexão crítica sobre as estruturas patriarcais que perpetuam a subalternização do corpo feminino, inclusive na infância. É necessário ampliar os esforços para combater o trabalho infantil e garantir que todas as crianças tenham o direito de viver uma infância livre, protegida e plenamente desenvolvida.

Luamanda

Na obra *Olhos D'Água*, a autora apresenta Luamanda, uma personagem multifacetada que transita por diferentes papéis e experiências ao longo da narrativa. Durante a adolescência, período marcado por intensas transformações físicas e emocionais, ela inicia um processo de autodescoberta, passando a refletir e questionar aspectos de sua identidade e sexualidade. Esse percurso é ilustrado no seguinte trecho:

> O amor dói? Na época pensou que a dor de amor era tanta, porque tinha onze anos e um corpo-coração pequeno. E desejou crescer. Entre um pelo e outro que nasciam em suas axilas e sobre o seu púbis ensaiou e experimentou sorrisos, acenos distantes, piscar de olhos, troca de desenhos, cartas mal-escritas borradas com os dedos trêmulos de amores platônicos. O amor é terra morta? (EVARISTO, 2016, p. 36).

No trecho apresentado, a personagem reflete sobre a experiência do amor e questiona seu potencial para causar dores. Na perspectiva da personagem, na

época em que ela tinha apenas onze anos e um corpo-coração pequeno, ela acreditava que o amor poderia ser uma fonte de dor intensa. Essa percepção talvez seja influenciada pela sua pouca idade e pela imaturidade emocional característica dessa fase da vida.

Crescer é, para Luamanda, a possibilidade de viver emoções diversas e, por meio delas, conectar-se com o outro por meio das múltiplas nuances do sentimento amoroso. Essas tentativas demonstram o seu desejo de se conectar com o outro e de explorar as nuances do sentimento amoroso.

A pergunta "O amor é terra morta?" sugere uma reflexão sobre a natureza do amor. A expressão "terra morta" pode remeter à ideia de algo sem vida, sem vitalidade ou até mesmo sem esperança. A personagem questiona se o amor pode ser algo vazio, desprovido de emoção e significado. Essa reflexão pode refletir a vivência da personagem e suas experiências amorosas, levando-a a questionar se o amor realmente traz felicidade ou se pode ser uma fonte de sofrimento.

Em busca de uma verdade sobre o amor, Luamanda experimenta sua primeira relação sexual:

> Um dia, aos treze anos, a cama do gozo foi arrumada em pleno terreno baldio. A lua espiava no céu denunciando com a sua luz um corpo confuso de uma quase menina, de uma quase mulher [...] E ambos se lambuzavam festivamente um no corpo do outro. Luamanda chorando de prazer. O gozo-dor entre as suas pernas lacrimevaginava no falo intumescido do macho menino, em sua vez primeira no corpo de uma mulher (EVARISTO, 2016, p. 36).

A descrição enfatiza a descoberta do prazer e do desejo sexual, marcando um momento de transição entre a infância e a adolescência. O encontro sexual é representado como um acontecimento intenso e cheio de emoções contraditórias. A linguagem utilizada na descrição do encontro sexual busca transmitir a complexidade dos sentimentos e sensações experimentados por Luamanda. O texto destaca a dualidade entre prazer e dor, expressando a ambivalência de emoções vivenciadas durante essa experiência inicial. A personagem chora de prazer, revelando a intensidade do momento e a mistura de sensações que o acompanha.

Anos depois, Luamanda experimenta a maternidade. A autora descreve: “Vinha para demarcar o tempo grávido da mulher e expulsar, em lágrimas

amnióticas e sangue, os filhos: cinco. Navegação íntima de seu homem no buraco-céu aberto de seu corpo" (EVARISTO, 2016, p. 37). A linguagem poética e simbólica utilizada por Evaristo confere densidade e profundidade à experiência do parto, apresentando-a como um acontecimento marcado por intensa corporeidade e significados múltiplos. Nesse processo, inscrevem-se tanto os aspectos culturalmente enaltecidos da maternidade, muitas vezes idealizada como ápice da realização feminina, quanto as dimensões de dor, entrega e potência física, desnaturalizando a experiência e revelando suas complexidades.

A demarcação do tempo e do corpo grávido evidencia a transformação da gestação, em que o tempo ganha nova dimensão e o corpo feminino torna-se espaço sagrado de criação. A expulsão dos filhos, marcada por "lágrimas amnióticas e sangue", expõe a dor e a complexidade da maternidade. A expressão "navegação íntima" sugere a conexão profunda entre Luamanda e o parceiro no ato sexual que culmina na concepção.

O conto também aborda outras experiências vividas por Luamanda. Como relatado:

> Depois, tempos depois, Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes aos seus. Os bicos dos seios dela roçando em outros intumescidos bicos. No primeiro instante, sentiu falta do encaixe, do membro que completava. Num ato de esquecimento, sua mão procurou algo ereto no corpo que estava diante do dela. Encontrou um falo ausente. Mas estava tão úmida, tão aquosa aquela superfície misteriosamente plana, tão aberta e igual a sua, que Luamanda afundou-se em um doce e feminil carinho (EVARISTO, 2016, p. 37).

Nesse trecho, a linguagem empregada assume um tom sensual e poético para expressar como, em um corpo semelhante ao seu, Luamanda encontra uma intimidade física e uma conexão que anulam o falo como centro do prazer e despotencializam a presença masculina. A narrativa propõe, assim, uma ressignificação da sexualidade feminina, deslocando o desejo para uma esfera de autonomia, reciprocidade e reconhecimento do próprio corpo enquanto espaço de prazer e liberdade.

Ao procurar algo ereto no corpo da parceira, Luamanda demonstra uma busca por algo que se assemelhe ao que estava acostumada, o que pode ser interpretado como um reflexo da socialização heteronormativa e a tentativa de

enquadrar essa experiência em parâmetros conhecidos. No entanto, ao encontrar uma superfície misteriosamente plana, aberta e igual à sua, Luamanda se permite envolver-se em um "doce e feminil carinho", indicando a descoberta de prazer e intimidade no relacionamento com outra mulher.

Portanto, a narrativa revela o movimento introspectivo da personagem em relação ao amor, suas expectativas e os conflitos inerentes à vivência desse sentimento, como expressa na seguinte indagação: "O amor se guarda só na ponta de um falo ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra?" (EVARISTO, 2016, p. 37). Nesse questionamento, Evaristo desconstrói a centralidade fálica historicamente atribuída às relações amorosas e sexuais, sugerindo a possibilidade de afetos e desejos que escapam à lógica heteronormativa e patriarcal. Assim, evidencia-se a complexidade do amor enquanto experiência plural, marcada simultaneamente por potencialidades de prazer, afeto e sofrimento, cujas manifestações são singulares e atravessadas por fatores socioculturais e identitários.

Entretanto, se a trajetória amorosa de Luamanda comporta momentos de entrega e descoberta, ela também está atravessada por experiências de extrema violência. Vejamos o episódio descrito:

> A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. E durante meses, o sangue menstrual de Luamanda, sangue de mulher que nasce naturalmente de seu útero-alma vinha misturar-se ao sangue e pus, dádivas dolorosas que ela ganhara de um estranho fim amoroso (EVARISTO, 2016, p. 38).

É evidente a materialização da violência de gênero em sua expressão mais extrema: o estupro como estratégia de controle, punição e apropriação do corpo feminino. À luz da reflexão de Beauvoir (2014), a violência sexual constitui um mecanismo de manutenção da dominação masculina, operando como instrumento de objetificação e negação da autonomia feminina, na medida em que reduz o corpo da mulher a um território de exercício do poder patriarcal. No caso de Luamanda, essa lógica opressiva adquire contornos ainda mais complexos quando considerada a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, categorias que, conforme analisam Carneiro (2015) e Collins (2017), estruturam sistemas de

opressão interdependentes e posicionam as mulheres negras em condições ampliadas de vulnerabilidade e exploração social.

É importante ressaltar que as mulheres negras são as principais vítimas de violência no Brasil, o que as torna mais propensas a buscar atendimento médico em postos de saúde e hospitais. Além delas, as mulheres lésbicas e transexuais também enfrentam frequentemente situações de violência. No entanto, nem sempre os profissionais de saúde estão adequadamente preparados para lidar com as complexidades da violência de gênero e suas interseções com classe social, raça e sexualidade (SILVA, 2018).

As consequências emocionais podem incluir o desenvolvimento de transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade, depressão e dificuldades no estabelecimento de relacionamentos saudáveis e íntimos (MORAIS *et al.,* 2021). O trauma vivenciado por Luamanda provavelmente teve um impacto duradouro em sua vida, afetando sua autoestima, confiança e bem-estar geral.

A narrativa de vida de Luamanda traz à tona questões relacionadas à violência de gênero, ao poder e à dominação masculina, além de evidenciar a vulnerabilidade do corpo feminino diante de situações de abuso e violação. Porém, os relatos também destacam a força e a resiliência de Luamanda, que, mesmo carregada de marcas das experiências negativas vividas, continua a buscar o amor e a superar os desafios impostos pelo seu caminho.

> Não, não era o caso de Luamanda, que se reconhecia e se descobria sempre. Pouquíssimos fios de cabelos brancos avançavam buscando criar um território próprio em sua cabeça. Escolheu esses fios, puxou-os querendo destacá-los entre os demais. Imaginou-se com os cabelos brancos sobre o rosto negro. Seria bela como a Velha Domingas lá das Gerais. Viajando no tempo-evento de sua vida, Luamanda, distraída, esqueceu-se do compromisso para o qual se preparava no momento. Acordou, para o encontro que estava para acontecer naquela noite, quando ouviu os assobios de alguém que aguardava por ela lá fora. Apressou-se. Podia ser que o amor já não suportasse um tempo de longa espera (EVARISTO, 2016, p. 38-9).

A narrativa acima descreve Luamanda em um momento de autodescoberta e empoderamento. A menção aos poucos fios de cabelos brancos que ela destaca e imagina sobre seu rosto negro mostra sua aceitação e valorização da passagem do tempo e do envelhecimento. Essa imagem também

pode ser interpretada como um símbolo de sabedoria e experiência acumulada ao longo da vida.

A referência ao compromisso e ao encontro que Luamanda está se preparando para ter naquela noite revela sua busca pelo amor e sua disposição para se entregar a essa experiência. A menção aos assobios de alguém que a aguarda lá fora cria uma expectativa e um senso de urgência, como se o tempo estivesse correndo e Luamanda não quisesse perder a oportunidade de viver uma relação amorosa.

Em suma, a representação do corpo de Luamanda nos trechos discutidos é multifacetada e aborda diferentes aspectos de sua experiência. Portanto, o corpo representado é complexo e abrange tanto a dor quanto a superação, a descoberta da identidade e a busca pela felicidade. É uma representação que reflete as diversas dimensões da experiência feminina, incluindo aspectos de vulnerabilidade, resistência e empoderamento.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, analisou-se a representação dos corpos femininos negros na obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, a partir do conceito de escrevivência, elaborado pela própria autora, que oferece uma chave interpretativa privilegiada das experiências narradas. A análise evidenciou a complexidade e a pluralidade das representações construídas, nas quais as trajetórias das mulheres negras são centralizadas, revelando suas dores, subjetividades, lutas cotidianas e estratégias de resistência.

A escrita de Evaristo rompe com estereótipos cristalizados e com narrativas hegemônicas que historicamente marginalizam e silenciam as mulheres negras, oferecendo espaços de enunciação que permitem afirmar identidades, reivindicar espaços e reconfigurar histórias. A interseccionalidade entre raça, gênero e classe constituiu um eixo analítico fundamental, evidenciando o enfrentamento simultâneo do racismo estrutural, do sexismo, da violência simbólica e física e dos processos de subalternização social.

Para além da denúncia das violências, destaca-se a potência da resistência e do empoderamento dessas personagens, cuja trajetória literária se constitui

como prática política e estética de transformação e subversão das lógicas excludentes do discurso dominante. Assim, a literatura assume um papel central na ressignificação das experiências sociais e na legitimação de vozes historicamente silenciadas, contribuindo para o enfrentamento dos estigmas, a valorização da diversidade e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Los tres estados del capital cultural. **Sociológica**, v. 2, n. 5, p. 11-17, 1987.

BOURDIEU, Pierre. Violencia simbólica. **Revista Latina de Sociología**, v. 2, n. 1, p. 1-4, 2012.

BUTLER, Judith. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Paidós, 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2015.
CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. **Galáxia (São Paulo)**, p. 99-114, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso. **Cadernos Pagu**, n. 51, p. e175118, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Background paper for the expert meeting on the gender-related aspects of race discrimination. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima Duarte; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. Routledge, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Discipline and Punish: the Birth of the Prison**. New York: Vintage, 1979.

FOUCAULT, Michel. **La arqueología del saber**. Siglo XXI, 1997.

hooks, bell. **Talking back: Thinking feminist, thinking black**. South End Press, 1989.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Urupês**. Editora Brasiliense, 1961.

MORAIS, Marcos Vinicius de; FORMAIO, Maria Heloisa; BELLINI, Lays Zilioli; VERONEZ, Fúlvia de Souza; BELLINI, Márcia Zilioli. Traumas físicos e psíquicos após a violência sexual em mulheres. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 13925-13936, 2021.

REIS NETO, João Augusto dos. Pensar-viver-água em Oxum para (re) encantar o mundo. **Revista Calundu**, v. 4, n. 2, p. 25-25, 2020.

SILVA, Adriana Alves; SILLER, Rosali Rauta; SILVA, Vanderlete Pereira da. Divisão sexual do trabalho e diversidade linguística na subalternização das infâncias: opressões étnicas, linguísticas e culturais na reprodução das desigualdades. **Zero-a-seis**, v. 23, n. 1, p. 1260-1284, 2021.

SILVA, Tania Maria Gomes da. Pode-se ter saúde e qualidade de vida em situação de violência e desrespeito aos direitos humanos? Uma reflexão à luz dos estudos feministas e de gênero. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 9, n. 2, p. 129-149, 2018.